

EIXO TEMÁTICO 8 | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

OS PROFISSIONAIS DA POLÍTICA DE SAÚDE QUE UTILIZAM A ARTE E A CULTURA COMO MEDIAÇÃO NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO SUL DO PAÍS

HEALTH POLICY PROFESSIONALS USING ART AS MEDIATION IN PEDIATRIC ONCOLOGY AT A UNIVERSITY HOSPITAL IN THE SOUTH OF THE COUNTRY

Brenda Nunes Melgarejo¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar as experiências da utilização da arte e da cultura como instrumento de trabalho dos profissionais de saúde em um Hospital de Alta Complexidade do Sul do país, com pacientes da oncologia pediátrica. Compreender uma criança e adolescente com câncer é entendê-lo além do diagnóstico, mas em sua totalidade, com direito de imaginar, criar, brincar e sonhar, mesmo com demandas de saúde tão complexas.

Palavras-chave: Arte. Política de Saúde. Oncologia Pediátrica.

ABSTRACT

This article aims to report the experiences of using art and culture as a working tool for health professionals in a High Complexity Hospital in the South of the country, with pediatric oncology patients. Understanding a child and adolescent with cancer means understanding them beyond the diagnosis, but in their entirety, with the right to imagine, create, play and dream, even with such complex health demands.

Keywords: Art. Health Policy. Pediatric Oncology.

INTRODUÇÃO

O câncer infantil é uma doença que corresponde a uma modificação no DNA da célula – não se conhece exatamente as motivações dessa patologia, no entanto, a expectativa de cura é maior do que na idade adulta (INCA, 2023). Os pacientes da oncologia pediátrica junto aos

¹ Mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: brendanmelgarejo@gmail.com

seus familiares necessitam de uma atenção de saúde qualificada, pois a doença vai carregar consigo diversos conceitos negativos que afetam todas as áreas da vida em que a criança está inserida, o psicológico, biológico, sociocultural e emocional. Um Hospital Universitário de Alta Complexidade traz uma multiplicidade de fatores, e dentro de uma oncologia pediátrica, esses fatores estão repletos de medo, sofrimento, tristeza e incerteza, tanto de pacientes quanto de familiares, por serem diagnósticos difíceis e tratamentos longos e com diversos efeitos colaterais.

Esse artigo tem como objetivo relatar as experiências da utilização da arte e da cultura como instrumentos de trabalho para profissionais de saúde em um Hospital Universitário do Sul do país, com pacientes da oncologia pediátrica. Os autores Santos e Sebastiani (2003) afirmam o significado do impacto físico, psicológico e social nos pacientes acometidos de câncer em qualquer etapa do desenvolvimento humano. As dificuldades associadas ao diagnóstico de câncer parecem ser maiores e mais profundas quanto menor a idade do indivíduo e quanto mais prolongado o processo de doença e tratamento.

Para realizar um estudo da arte e da cultura como uma possível mediação da prática profissional através, também, das políticas públicas é necessário entendê-la além de um instrumento, mas também um viés educativo e metodológico, conhecendo a função social e política que ela tem na sociedade. Evidencia-se que, trabalhando com a arte, também se trabalha com a consciência, o respeito, a disciplina, o pensamento crítico, a inclusão social, a diversidade, o coletivo, a mobilização popular e diversas práticas sociais que visam à emancipação humana.

Sabe-se que a doença propicia um rompimento na dinâmica e nas relações do indivíduo consigo mesmo e com o mundo (SANTOS; SEBASTIANI, 2003). O fato de não se saber a causa da doença também é um causador de angústia e ansiedade, pois ainda se conhece muito pouco sobre a etiologia do câncer em crianças e adolescentes, de 75% a 90% têm causas desconhecidas (WHO, 2016). As opções de tratamento geralmente compreendem: cirurgias, quimioterapias, radioterapias e, em alguns casos, transplante de medula óssea e os efeitos físicos do tratamento podem ser muito prejudiciais para a criança, que pode ter: fraqueza, náuseas, vômitos, diarréias, perda de peso, feridas na boca e queda do cabelo (INCA, 2023).

2 O TRABALHO COM A ARTE E A CULTURA

A arte e a cultura estão presentes em grandes acontecimentos da humanidade, nas transformações da sociedade e também assumem um papel de evidenciar fatos reais ou projetados, se mostrando como atividades importantes para o enfrentamento das expressões da questão social através de um pensamento crítico. Carrier (2010) traz que a manifestação artística também pode ser vista com uma expressão tão antiga quanto à linguagem, isto é, as comunidades humanas mantêm o conhecimento artístico através de doxas, que seria: informações transmitidas e compreendidas durante o convívio de mestre com aprendiz, onde a troca educativa ocorria em compartilhamento de mesmos valores, numa mesma cultura. Dentre isso, ela mudou no decorrer do tempo e passou a ter um papel social e instrumento de luta e política, no entanto, é importante compreender que ela esteve ligada à religião e à ciência, como:

A arte teve sua origem na magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam em estado latente, em germe. Esse papel mágico da arte foi progressivamente cedendo lugar ao papel de clarificação das relações sociais, ao papel de iluminação dos homens em sociedades que se tornavam opaco, ao papel de ajudar o homem a reconhecer e transformar a realidade social (FISCHER, 2007, p. 19).

A arte, por estar cotidiano através da cultura, está também inserida nas políticas públicas e nas mediações profissionais de saúde. Quando pensamos em políticas públicas, temos a percepção que a participação do Estado é reduzida, diante de um estado neoliberal cuja diminuição dessas políticas afeta diretamente a vida dos sujeitos, através da extrema pobreza, perdas de direitos, violência, desemprego, ausência de cultura, arte e educação.

Considera-se que com a utilização da arte, a intervenção com as crianças e adolescentes torna-se muito mais eficiente, podendo alcançar o subjetivo que muitas vezes em um contexto de processo de saúde e doença torna-se intrínseco. Ao utilizar o desenho, o cinema, os jogos digitais, as séries, a pintura, a modelagem, o teatro e jogos teatrais, a mímica, o lúdico e o trabalho com as cores, são possíveis acessar possíveis demandas e necessidades que com abordagens mais duras e fechadas é mais difícil.

Ao trabalhar com a arte o sujeito é desenvolvido plenamente, sendo estimulado a trabalhar de formas múltiplas, adquirindo capacidades como criatividade, percepção,

imaginação e criticidade com finalidades práticas (FERNANDES, 2020). Conforme nos apresenta Boal: “o artista mostra o escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos – torna consciente o que estava em nós impregnado” (BOAL, 2009, p. 57), sendo assim, é através da arte que os processos podem surgir e serem transformados, isto é, muito semelhante com o processo de trabalho do assistente social e, para, além disso, fundamental para trabalhar com crianças e adolescentes com diagnósticos tão complexos e formas de enfrentamento e tratamento tão difíceis.

A arte se constitui como uma forma de expressão cultural, que tem a capacidade de construir o homem em sua totalidade, de tal modo que ele desenvolva a capacidade de, como um ser humano não fragmentado, se conectar com os outros homens, em busca da criação de uma consciência não alienada, isto é, formando conceitos próprios, que dizem respeito à sua realidade, assim como a sua cultura, como ser social. No momento em que a arte propicia aos homens que se conheçam entre si, como seres individuais e coletivos, ela se constitui como um elemento de sociabilidade humana (SCHERER, 2013, p. 73).

Através do desenvolvimento das sensibilidades, ao longo dos tempos, a arte tem causado diversas finalidades em questões tanto objetivas quanto subjetivas. Lukács (1979) traz que a arte opera diretamente sobre o sujeito humano, o reflexo da realidade objetiva, o reflexo dos homens sociais em suas relações recíprocas, no seu intercâmbio social com a natureza e também é um elemento de mediação, ainda que indispensável, é um meio para provocar este crescimento do sujeito.

2.1 A cultura como uma política pública

É necessário considerar que a cultura é um direito e muito mais do que apenas uma atividade econômica. Sendo assim, até os anos 80, o mais próximo de uma política cultural foram diretrizes mais conservadoras, com um caráter clientelismo, pluralista e assistencial. Foi somente na gestão do ministro Gilberto Gil que passou-se, então, a ter uma política cultural, onde se acentuava o binômio entre a diversidade e desigualdade, onde o Estado passou a ter um papel no desenvolvimento econômico, no setor cultural, na regulação de economias da cultura, de árbitro, de legislador (SIMIS, 2007).

O papel do Estado no âmbito da cultura não é, necessariamente, produzir cultura, ou dirigi-la e conduzi-la, mas sim formular políticas públicas de cultura que sejam acessíveis, bem

divulgadas e fomentadas, também provendo meios de produzi-la, garantindo o direito democrático dos sujeitos de expressarem suas visões de mundo em todos os sentidos.

O fomento da cultura pode se dar por diversos meios, de forma indireta: museus e centros culturais (equipamentos públicos de cultura) e formas direta: repasses por meio de editais públicos. No entanto, para além disso, entender a cultura como direito (e uma política pública) é entender que todo cidadão tem direito ao acesso à cultura, ele podendo ser garantido em demais políticas que estiver sendo assistido, nesse caso, a política de saúde.

3 A ARTE E A CULTURA COMO MEDIAÇÃO PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Com o contexto atual, os profissionais da saúde e os artistas, sejam eles visuais, das artes cênicas, artistas gráficos, do cinema, da música, artistas de rua, da fotografia, da literatura e etc., precisam criar e se adaptar a novas estratégias e planejamento. A arte pode traduzir em seu conteúdo diversas expressões da questão social e psíquica, pois guardam relação com o cotidiano dos sujeitos, comunicando com as pessoas de forma sensível (SANTOS, 2019). Quando uma peça teatral, uma música ou uma poesia, por exemplo, evidencia o uso de drogas, a violência, a evasão escolar, os diferentes modos de vida, os estigmas, as lutas por direitos, por igualdade, por liberdade, as indignações, entre outros, podem instigar a realização de processos reflexivos a partir de mediações com realidades similares (PRATES, 2007).

Através disso, então, os profissionais da saúde podem utilizar seus instrumentos de trabalho e seu conhecimento para intervir na vida dos sujeitos, utilizando a teoria crítica e os fundamentos teóricos, éticos e políticos da profissão, para assim realizar os processos de transformação de forma conjunta. Identificando as diversas demandas e as diversas intervenções que são capazes de chegar ao cotidiano do profissional que trabalha na Oncologia Pediátrica, pode-se observar que o assistente social também é um pouco artista: ele intervém nas relações sociais dos indivíduos, trabalha com o sensível, com o subjetivo, com o concreto, com a crítica, com os direitos sociais e com processos de reflexão. E para intervir, é preciso conhecer e compreender a história de vida dos sujeitos atendidos, ir desvendando e apreendendo os processos que se encontram ocultos na demanda imediata, construindo, assim, o conhecimento da realidade concreta (KOSIK, 1976).

O processo de hospitalização infantil afeta o cotidiano da criança e das famílias, além de causar sentimentos de medo quanto a procedimentos médicos, ansiedade, dor e sofrimento.

Então, para as crianças, as atividades lúdicas e artísticas acabam contribuindo durante o período de tratamento, aumentando sua qualidade de vida de forma geral, em todos os aspectos dos determinantes da saúde, não somente o bem estar físico ou apenas focalizado no objetivo terapêutico. Segundo Pino e Pereira (2017), no processo de hospitalização são receosos, porém o ato de brincar possibilita que o ambiente fique menos sofrido e doloroso para o paciente infantil.

E com os adolescentes, há a necessidade de práticas específicas para esta fase, pois, observa-se que acabam recebendo determinados tipos de cuidados que são feitos em adultos ou em crianças. Há inúmeras questões que precisam ser trabalhadas nesse momento da vida destes sujeitos, no entanto, quando o adolescente adoece, a imagem que ele tem dele mesmo fica alterada, pois precisa elaborar o luto do corpo infantil para dar entrada a um corpo doente, muitas vezes deformado em decorrência da doença e do tratamento (CAZAROLL; BECK; MACHADO; COELHO; AMBRÓS, 2011).

Vincular à arte visual e demais práticas artísticas a intervenção dos profissionais da saúde é fomentar a reflexão, utilizando a arte e a cultura como instrumentos de trabalho, sensibilizando os sujeitos envolvidos. Entende-se que a saúde está também ligada a sensibilidade e criatividade, sendo fundamentais para a qualidade de vida. É através da arte que se torna possível traduzir determinados tipos de linguagens que podem não serem possíveis por palavras, facilitando na adesão ao tratamento e também garantindo que ele seja realizado da melhor forma.

CONCLUSÃO

Diante disso, percebe-se a necessidade de se refletir sobre qual a relevância da arte como instrumento no desenvolvimento do tratamento oncológico infantil, contribuindo para um olhar mais empático, humanizado e sensível. Além disso, é importante ressaltar o quanto esse recurso é pouco utilizado e estudado por profissionais da saúde, tanto em suas formações quanto na sua prática profissional.

Pereira (2003) demonstra que as ações de saúde realizadas no nosso cotidiano não são somente a utilização do raciocínio, diagnóstico e prescrição de cuidado, considerando que as práticas educativas têm relevância nas ações de saúde e são objetos dos processos desenvolvidos da educação em saúde.

Em um contexto de sofrimento, as crianças e adolescentes podem expressar através da arte diversas questões de forma singular e coletiva. A arte mudou no decorrer do tempo e passou a ter um papel social e instrumento de luta e política, além, também, de um instrumento de trabalho para diversos profissionais. A arte pode auxiliar o paciente a se expressar, receber informações, imaginar, brincar, criar outros contextos e lidar da melhor forma com o tratamento.

Compreender uma criança e adolescente com câncer é entendê-lo além do diagnóstico, mas em sua totalidade. Além de um ser humano em desenvolvimento com direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, também possui direito ao lazer e à cultura, segundo o Estatuto de Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). O direito de imaginar, criar, brincar e sonhar, mesmo com demandas de saúde tão complexas, não deixa de ser um direito que precisa ser garantido também por todos os profissionais que atendem estes pacientes.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990a.

CARRIER, Matheus Stein. OBJETO DE ARTE E CONDIÇÕES DE PERENIDADE. 2020. 246 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CAZAROLL, Estefânia; BECK, Carmem Lúcia Colomé; MACHADO, Cynthia Helena Ferreira; COELHO, Alexa Pupiará Flores; AMBRÓS, Suraia Estácia. SENTIMENTOS DE ADOLESCENTES COM CÂNCER: Um Estudo Qualitativo. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí, v. 10, n. 20, p. 1365-1370, jan. 2011.

FERNANDES, Julia Maria Fernanda Machado. A fotografia expandida: usos e possibilidades com estudantes do Ensino Médio na disciplina de arte. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 136-146, set. 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/86712/59681>. Acesso em: 05 set. 2023.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

INCA. INCA - Instituto Nacional de Câncer. Disponível em: www.inca.gov.br. Acesso em: 22 ago. 2023.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, G. Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. Carlos Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

NARCIZO, E. C. (2012, set.). Serviço Social, movimentos sociais e arte: Uma proposta para afirmação do projeto ético-político da profissão. Franca: VIII Seminário de Saúde do Trabalhador (em continuidade ao VII Seminário de Saúde do Trabalho de Franca) e VI Seminário "O trabalho em debate". UNESP/USP/STICF/CNTI/UFSC.

PEREIRA, Adriana Lenho de Figueiredo. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 19, p. 1527-1534, out. 2003.

PINO, C. D.; PEREIRA, V. T. Ludoterapia durante o tratamento contra o câncer infantil: revisão integrativa da literatura. Gravataí, p. 26-44. 2017. (14).

PRATES, J.C. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social. Porto Alegre: **Textos & Contextos**, v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/2313/3244>. Acesso em 08 de setembro de 2023.

SANTOS, Franciele Machado dos. A ARTE COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO DA(O) ASSISTENTE SOCIAL. 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Pucrs, Porto Alegre, 2019.

SANTOS, Cláudia T. SEBASTIANI, Ricardo W. (1996). Acompanhamento psicológico à pessoa portadora de doença crônica. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar (Org.). E a psicologia entrou no hospital. São Paulo: Pioneira.

SCHERER, G. A. **Serviço Social e Arte: Juventudes e direitos humanos em cena**. São Paulo: Cortez, 2013.

WHO – World Health Organization. Página oficial da Instituição, 2003. www.who.int. (28/08/2003).